

# FAMÍLIAS ADOTIVAS E MITOS SOBRE LAÇO DE SANGUE

**Lidia Natalia Dobrianskyj Weber**

Em geral, relacionamentos em geral são processos delicados e repletos de pequenos entraves - relacionamentos entre pais e filhos, tanto adotivos quanto biológicos não fogem desta regra. No entanto, parece que os casos em que houveram dificuldades na adoção é que são generalizados, devido às informações sobre o assunto virem da mídia e do "boca-a-boca", por falta de estudos sistemáticos a respeito e até pela generalização de casos clínicos dramáticos que colocam a perda inicial dos pais biológicos como irreparável e determinante de todos os problemas. Forma-se desta maneira uma representação social limitada e errônea sobre a associação genérica entre adoção e fracasso.

A adoção, na antiguidade, exercia o papel simples de continuidade familiar assim como podia haver substituição do marido por um parente em caso de impotência do primeiro... Essas origens históricas dão uma imagem à adoção de um processo que visa exclusivamente os interesses dos adotantes. De fato, esta visão da adoção ainda não se extinguiu, e nem poderia, mas hoje em dia deve-se pensar a adoção muito mais como um procedimento que permite dar pais a quem não os têm, do que em dar filhos a quem não os têm. Ao pensar a adoção neste sentido atual, que visa o interesse da criança, devemos refletir sobre as reais motivações de quem adota. Não resta dúvida que, ainda nos dias de hoje, a esterilidade dos pais é a mais consciente dessas motivações. No entanto, é necessário que os adotantes tenham lucidez de não considerar a adoção como um meio de transgredir a esterilidade pois, esta, ao contrário, evidenciará e intensificará o problema. Quando a incapacidade biológica de gerar descendentes é o motivo que leva à adoção, faz-se necessário, primeiramente, resolver-se frente a essa incapacidade e elaborar as perdas das funções reprodutoras e do seu filho biológico. A profilaxia, ou seja, a preparação é essencial, mas também deveria ser primordial para pessoas que pretendem ter filhos biológicos: afinal, quantas perdas, lutos e carências temos

necessidade de resolver e que podem aflorar com a vinda de um filho mesmo biológico?!

Essa preparação e acompanhamento da adoção é percebida de maneira diferente pelos pais e pelos filhos. Enquanto 55% dos pais que nunca tiveram contato com grupos de adoção responderam que não acham importante estes grupos "porque ser pai e mãe é natural", 65% dos filhos pensam ser necessárias estratégias como campanhas e reuniões de pais e filhos adotivos! Entendemos que uma preparação é uma função preventiva e acreditamos que esta preparação cria possibilidades para que todos sejam bons pais, tanto biológicos quanto adotivos.

O perfil dos pais adotivos de nossa pesquisa revela que 91% era casada, com idade até 40 anos e 55% não possuía filhos naturais. O perfil da criança adotada pelos entrevistados equivaleu ao conhecido perfil das crianças chamadas "adotáveis": uma criança saudável (76% dos bebês não apresentava problemas de saúde), do sexo feminino (60%), recém-nascida (69% eram bebês até 3 meses de idade) e de pele clara (64% dos bebês eram brancos). Deve-se ressaltar, porém, a existência de adoções tardias (16,66% dos adotados tinha mais de 2 anos), inter-raciais (36% dos adotados eram de cor parda ou negra) e de crianças deficientes e com problemas de saúde (23,15% dos adotados) e de adoções por parte de pessoas que já tinham filhos naturais (45%), mostrando a possibilidade de sucesso das mesmas. Falando como poetas, os bonitos e perfeitos que nos perdoem, mas beleza não é fundamental para se estabelecer um vínculo de amor!

Os dados da pesquisa com pais adotivos revelaram correlações claras entre o nível cultural e econômico e certos aspectos da adoção. A maioria dos pais adotivos pertencentes a classes sociais mais elevadas adotaram através dos Juizados da Infância e da Juventude, enquanto a maioria dos pais adotivos com nível econômico menos privilegiado realizaram adoções "à brasileira" (registrar uma criança em seu próprio nome sem passar pelos trâmites legais); os pais adotivos menos privilegiados economicamente foram também os que fizeram menor número de exigências em relação à criança, adotaram, mais freqüentemente, crianças maiores e de cor e os que mais realizaram adoções sem o

interesse próprio de "não ter filhos" - adotaram porque havia uma criança por perto que precisava de ajuda.

No aspecto econômico existe uma contradição entre o que os Juizados e as pessoas que passaram pelo processo dizem. Os Juizados afirmam que a seleção dos candidatos não é feita pelo nível socioeconômico, mas os postulantes à adoção dizem que sim, e o dado da nossa pesquisa mostra uma correlação entre estes aspectos. Mudando o enfoque tradicional que sempre utiliza-se de famosos personagens da mitologia grega, prefiro citar o exemplo de um não menos famoso personagem do desenho animado "Os Flintstones": o menino Bambam é filho adotivo de Beth e Barney, mas a sua história revela que apesar de estarem esperando na "fila" da adoção há muito tempo, ele foi encaminhado inicialmente a um outro senhor muito mais rico... e eles somente conseguiram realizar a adoção depois que seu amigo Fred lhes emprestou dinheiro. A nossa amostra de sujeitos mostrou claramente que não existe vinculação entre sucesso da adoção e nível sócio-econômico dos pais, uma vez que temos famílias adotivas dos mais variados níveis sócio-econômicos. Parece evidente que algumas condições materiais são imprescindíveis, mas o mais importante é a capacidade de amar sem impor tantas condições, a tentativa de deixar um pouco de lado os valores pessoais e transcender às imposições sociais que tentam regular o nosso gostar.

No que se refere às motivações dos pais adotivos, constatou-se que a maioria tinha um interesse pessoal e primordial: satisfazer o desejo de ser pai/mãe. Outras motivações evidenciaram a necessidade de preencher a solidão, proporcionar companhia a um filho único; escolher o sexo do seu próximo filho; substituir um filho natural falecido, entre outros. No entanto, é importante ressaltar que, no caso dos sujeitos desta pesquisa, apesar dessas motivações "menos nobres" do que visar o interesse do adotado, não houve prejuízos evidentes no que se refere ao relacionamento de pais e filhos adotivos. Este dado traz uma nova luz sobre as chamadas "motivações inadequadas" e suas conseqüências para a futura relação. Levanta-se a hipótese de que, após a adoção, o vínculo afetivo, que é construído entre pais-filhos adotivos, poderá ser tão forte a ponto de neutralizar o suposto efeito dessas motivações, tidas como "inadequadas". Parece que o amor que permeia as relações pode explicar essas aparentes contradições, como sabiamente já

disse Pascal, em sua mais famosa premissa: "O coração tem razões que a própria razão desconhece". Fica muito claro, portanto, que não existe uma determinação absoluta entre uma motivação "imprópria" para a adoção e o fracasso do relacionamento. Este dado mostra claramente a viabilidade de trabalhar tais adoções mesmo *a posteriori*, e garantir pleno desenvolvimento afetivo entre as pessoas envolvidas.

Os dados indicaram que as relações entre filhos e pais adotivos desta amostra são plenamente satisfatórias, pois a maioria deles não teve dificuldades na educação e no relacionamento afetivo com a criança, diz ser estar em relação a seu filho e à adoção realizada e aconselha outras pessoas a adotar. As dificuldades encontradas por alguns pais adotivos no relacionamento com seu filho foram, geralmente, provenientes de revelações tardias de sua condição de adotivo ou feitas de maneira não adequada por terceiros e não pelos próprios pais. Alguns comportamentos apresentados como negativos nos relacionamentos de pais e filhos adotivos estão presentes, da mesma forma, nos relacionamentos de pais e filhos biológicos, tais como desobediência, rebeldia, maus hábitos... Existe alguma relação perfeita?! E o que seria uma relação perfeita? Na verdade, todos têm seus problemas, e o mais importante não é não ter problemas, mas saber como lidar com eles, pois como disse Guimarães Rosa, "*viver é muito perigoso*".

Não devemos mitificar a essência de ser pai biológico com a contingência de ser pai adotivo. Os dois tipos de paternidade têm exatamente a mesma importância e a mesma essência. No entanto, a contingência de ser uma família adotiva traz características especiais que não devem ser negadas, mas ao contrário, assumidas totalmente. O que se percebe é que as generalizações cotidianas, a falta de preparo e reflexão anterior parecem ser determinantes e geradores do **temor à perda**, fortalecendo os **mitos dos laços biológicos** como aqueles "**naturais**" e "**verdadeiros**". Assim, os pais adotivos tentam, como camaleões, camuflar as relações e imitar uma família biológica. E com isso passa-se a entender também o porque as adoções inter-raciais, de portadores de deficiência e de crianças maiores são tão raras: são evidentes demais!

Com toda essa pressão, os pais passam mensagens ambivalentes aos seus filhos adotivos, que embora felizes e

satisfeitos, têm dificuldade em perceber essa sua família como “verdadeira” e “natural”. Assumir de fato um filho adotivo não é simplesmente dizer que “ele é tão meu filho que eu esqueço que ele é adotivo”; ou falar aos filhos, “você é meu filho adotivo, meu filho de verdade, mas não vamos falar a respeito disso, muito menos de seus pais biológicos”. Os pais tendem a revelar à criança desde cedo sua condição de adotiva, mas afirmam que a história anterior da criança não é importante e que os filhos não têm interesse na sua família biológica, negando assim a possibilidade da criança conhecer suas raízes.

Os filhos adotivos, também pela pressão social preconceituosa e aderindo ao modelo transmitido por seus pais, relatam que não têm curiosidade nem interesse em saber sua própria história, ou de seus pais biológicos. Na verdade, existe um acordo tácito e velado de não se falar a respeito da adoção: os pais procuram encobrir sua esterilidade, o medo fantasioso de que o filho volte para sua família de origem e a impossibilidade de ter um filho do “seu próprio sangue”; os filhos não falam a respeito para não magoar seus pais e para encobrir sua própria mágoa de ter sido rejeitado por sua família de origem e assim perdem um pedaço de sua identidade. Um outro ilustre personagem das histórias infantis, Super-homem, tornou-se “super” exatamente quando soube com detalhes a sua origem; uma interpretação livre sobre o fato é que o abandono das dúvidas e fantasias sobre sua família biológica criou condições para o fortalecimento e construção de sua personalidade e identidade.

Assim, os mitos acerca dos “herdeiros”, filhos “do mesmo sangue” são tão fortes que aparecem até mesmo no discurso dos filhos adotivos, sujeitos que vivem de forma explícita essa situação! Ao serem questionados sobre o fato de desejarem ou não adotar uma criança, responderam que desejam ter filhos biológicos porque “querem ter os *próprios filhos*”, ou “desejam construir a *própria família*”, desvelando o preconceito social e a ambigüidade da mensagem passada por seus pais adotivos.

Assumir de fato um filho adotivo é, ao contrário, não esquecer essa condição peculiar, nem negar ao adotado a história de suas origens. A família adotiva possui uma essência igual a família biológica, mas suas características são diversas e não devem ser perdidas de vista, assim como ocorreu no recente filme de Disney,

"O Rei Leão". Simba, o leãozinho, após a morte de seu pai e depois de perder-se de sua mãe foi adotado por um javali e um rato do deserto. Eles formavam uma família muito feliz, que vivia a cantar, mas era uma família especial, com características peculiares que não podiam ser esquecidas, e eles não tentavam negar ou esconder de Simba, as suas raízes biológicas. O javali e o rato do deserto afirmaram que adotaram Simba "porque um dia ele poderia salvar suas vidas". Muitas pessoas realizam adoções porque acham que a criança vai resolver seus problemas e suas angústias existenciais, assim como muitos têm filhos biológicos pelos mesmos motivos. Vimos, entretanto, que apesar dessas motivações "menos nobres" , as adoções têm tido mais **amores** do que *dissabores*. O amor de uma família adotiva é **construído** da mesma forma que de uma família biológica; não é ter o mesmo sangue que vai garantir o amor nem o sucesso da relação. O amor é conquistado, como já disse a filósofa Elizabeth Badinter.

É preciso, simultaneamente a um trabalho de conscientização sobre a importância da adoção, um esforço para desmistificar a associação genérica e errônea entre adoção e fracasso. As dificuldades que ocorrem são muito semelhantes com aquelas que aparecem em famílias biológicas. E de qualquer forma, mesmo a vivência de tais dificuldades e preconceitos é muito menos dolorosa do que a solidão, o vazio, a falta de identidade, a ausência de vínculos e o desamparo de uma criança abandonada.

Psicóloga (CRP08/0774); Professora do Departamento de Psicologia da UFPR; Mestre e Doutora em Psicologia Experimental pela USP.